

A Maravilha que é Deus...

Swami Shraddhananda

Dos muitos caminhos que conduzem a Deus, o do maravilhoso deveria, certamente, vir em primeiro lugar. A cadeia altaneira de montanhas, o glorioso sol poente, o vasto oceano, as florestas e férteis planícies, tudo isso pode lançar a mente ao estado do maravilhoso. Ao observarmos a prodigiosa natureza, nos perguntamos:- Quem teria feito este mundo e dirigido todos os seus movimentos? A resposta interior nos diz que deve haver uma Inteligência Infinita por detrás deste mundo, pois compreendemos que tudo se comporta de acordo com certas leis, princípios e desígnios.

A emoção do maravilhoso pode estimular nossa busca por Deus. Um cientista que procura resolver os mistérios da natureza está em vantagem se tiver o coração humilde e receptivo ao maravilhoso de Deus, porque a natureza revela mais rapidamente seus segredos aqueles que, por amor a Deus, aplacaram seu ego humano. Pense na humildade de Einstein, quem, por meio da pesquisa científica, ficou convencido de uma divina Inteligência. Similarmente, Isaac Newton que traçou um paralelo entre o conhecimento intelectual e a vastidão do oceano, declarando que "havia tido o privilégio de juntar alguns seixinhos na praia". Tais pensamentos nos deveriam convencer de que, quanto mais afetuosamente tratarmos com a natureza, a maravilhosa manufatura de Deus, mais nos aproximamos do Infinito. A pequenez do ego humano diminui em proporção direta. Este se encontra confinado aos limites deste universo, mas, a grande Inteligência que não é vista, por detrás das coisas visíveis e invisíveis, está criando formas magníficas continuamente.

As mais conhecidas escrituras enfatizam a importância espiritual da utilização, com propósitos meditativos, dos assombros de Deus. Sri Ramakrishna contava a anedota de um santo que vivia na Índia, em pequena cabana às margens de um rio. Depois de permanecer por todo o dia no interior da choça, fazia, diariamente ao anoitecer, o ritual de sair e, unindo as mãos, erguer os olhos com reverência para o esplendor do céu ao entardecer, repetindo: "Oh! Quão maravilhoso Tu és!" Em profunda meditação, costumava ficar imóvel, absorvendo aquela quietude e beleza por um longo período.

Esta é uma excelente prática espiritual para contemplação e meditação; por meio dela se descobre as maravilhas de Deus, que são "mais numerosas que grãos de areia".

Procurando a Deus através do prodigioso, o buscador é dirigido ao aspecto impessoal de Deus, e, em meditação, tenta entrar em contato com a Inteligência divina, aquela pura mente impessoal, que governa o tempo e o espaço, e todos os fenômenos da natureza. Este tipo de contemplação é o que as escrituras devocionais da Índia denominam "shanta", ou, uma pacífica relação com Deus.

Estudos biológicos e anatômicos comprovaram a maravilha que é o corpo humano. Podemos pensar em Deus como o supremo Artista que criou inumeráveis formas humanas, nenhuma das quais é uma duplicata. De forma presunçosa podemos ver nossas capacidades criativas, porém a habilidade humana jamais poderá produzir sequer um encantador colibri. E, tanto quanto se sabe, Deus criou 157 variedades desta espécie.

O inexaurível Infinito está, sem cessar, suscitando criação e dissolução. Ambos, vida e morte, representam um drama cósmico, pois "modificação" é uma lei da matéria. Somente nosso verdadeiro Ser, que é Deus, é imutável e eterno. E esta é a maior maravilha de Deus!

O armazém de ilimitada energia, que não tem princípio ou fim, é também outra admirável criação. No capítulo primeiro da Bíblia, lemos: -"E disse Deus, 'Faça-se a Luz', e a Luz se fez." O pensamento cósmico, seguido por uma manifestação visível, tomou lugar à velocidade da luz.

Deus criou com total desapego. Ao nos desenvolvermos espiritualmente, começamos a partilhar deste divino desapego, que se contrapõe ao apego humano. Deus projetou este universo, e pode, no espaço de um batimento cardíaco, fazer com que desapareça.

Maior evidência dos prodígios de Deus é a mente humana, que não passa de pálido reflexo da glória cósmica. De acordo com o pensamento da Índia, a mente humana é composta de 3 elementos: rajas, tamas e sattwa. A influência de rajas é percebida quando a mente se encontra em estado de turbulência, ou é impulsionada pelos desejos sensuais ou distrações materiais. Tamas se revela quando a mente se torna mórbida, obscurecida e facilmente iludível. Sattwa motiva um estado de quietude, que possibilita uma clara compreensão e equilibrado julgamento. A mente humana, embora em constante movimento devido à influência destes três elementos, possui grande amplitude.

Abrangente, ela vai desde Shakespeare ou Newton, englobando uma série de celebridades, até a mente da maioria da humanidade cujas habilidades estão em nível bem abaixo, mas sendo, sem dúvida, parte do Divino.

Toda mente humana pode ascender a alturas sublimes, desde que esteja bem orientada; é capaz de tocar as fronteiras de tempo, espaço e causalidade; pode imitar a paz majestática, o poder e a divina compaixão de Jesus Cristo, Buddha ou Sri Krishna.

Algo que também nos deve maravilhar é que, de toda criação, só os seres humanos são abençoados com o potencial sublime para, de modo pessoal, experimentar a realidade divina. Mesmo os deuses, declaram os Upanishads, não têm este potencial.

Sri Krishna relata que, de todas as maravilhas divinas, descritas no capítulo X da Bhagavad-Gitâ, a maior é Deus tornar-se um ser humano individual. Quando, finalmente, alcançarmos o auto-conhecimento, haveremos de compreender que tudo aquilo que se constituiu em fonte de beleza para nós, era, de fato, Deus em manifestação.

Quando pudermos levantar os véus obscurecedores de Maya e dizer: - "Eu sou Ele!", só então teremos escapado de nosso casulo de ignorância. Para nós, a "Divina Comédia" terá terminado, por intermédio da contemplação do sublime esplendor que é Deus.●